



031

Centro Compacto de Devaneio. Antiga casa da vó Faustina, 2015. Foto: Anieli Martins e Nauita Meireles

Nauita Martins Meireles
Mestrado em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGAVI/CA/UFPel, 2018), sob orientação da Profa. Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves. Licenciatura (2012) e Bacharelado (2015) em Artes Visuais pela mesma instituição. Integrante do grupo de Pesquisa Deslocamentos e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel). Professora de Artes Visuais na rede Municipal de Ensino de Pelotas-RS. Desde 2012, Coordenadora e coautora com a artista Anieli Martins, do projeto colaborativo Paisagem Líquida, realizado em Pedro Osório-RS, cidade que possui um histórico de enchentes; na qual desenvolve ações com a participação dos moradores locais. nauita.meireles@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7771-6774>

CENTRO COMPACTO DE DEVANEIO CIDADE – RIO

A casa da avó como espaço alternativo na arte contemporânea

COMPACT DAYDREAMING CENTER City - River Grandma's House as an Alternative Space for Contemporary Art

Resumo: O artigo aborda a pesquisa e a produção poética realizada em coautoria com a artista Anieli Martins, cocriadora do Centro Compacto de Devaneio: laboratório poético, localizado na cidade de Pedro Osório-RS. Discuto os encontros com os moradores e as experiências no Centro e em outros lugares da cidade, como a elaboração e distribuição de impressos múltiplos, panfletos, adesivos e a ação *Propagandeando Poesia*, realizada com uma bicicleta sonora. A instauração deste lugar e de suas ações levanta questões relativas à cidade de Pedro Osório, suas especificidades geográficas e sua condição de região atravessada pelo rio Piratini, que seguidamente transborda. Evidenciamos os laços com uma arte que se realiza em contexto real, no espaço urbano e em situações existentes. O desenvolvimento de minha produção poética emerge da relação estabelecida - junto a Anieli - com a cidade, o rio, as pessoas e as memórias. Levantamos como essa produção inserida em seu corpo social e em locais específicos também possa ser apresentada em outros locais (como galerias), com o interesse de ativar o rio e sua potência de transbordar história e marcas sensíveis.

Palavras-chave: Centro Compacto de Devaneio; Rio Piratini; Arte Contextual.

Abstract: This article addresses the research and poetic production carried out in co-authorship with the artist Anieli Martins, co-creator of the Compact Center of City Daydreaming: a poetic laboratory, located in the city of Pedro Osório, Rio Grande do Sul (RS), Brazil. I discuss the meetings with residents and the experiences at the Center and actions at other urban locations, such as the elaboration and distribution of multiples, printed matter, stickers and the action Propaganding Poetry, performed using a sonorous bicycle. The establishment of this Center and its actions raises questions related to the city of Pedro Osório, its geographical specificities and its condition as a region crossed through by the Piratini River, which often overflows. We highlight the ties with an art that takes place in a real context, in urban space and in existing situations. The development of my poetic production emerges from the relationship established - together with Anieli - with the city, the river, people and memories. We raise the question of this production inserted in its social body and in specific places, also being presented in other places (such as galleries), with the interest of activating the river and its power to overflow history and sensitive signs.

Keywords: Compact Daydream Center; Piratini River; Contextual Art.

Centro Compacto de Devaneio constitui uma produção poética em coautoria com a artista Anieli Martins e consiste em um laboratório poético, localizado na Rua das Flores, nº 63, na cidade de Pedro Osório/RS - nossa cidade natal. Neste espaço, antiga casa de minha bisavó e desabitada em decorrência de enchentes, é o local onde realizamos ações comuns como cafés, almoços, projeções de filmes que são compartilhados com os vizinhos, com amigos e a família através de encontros marcados. Igualmente, é um local que acolhe conversas informais ao acaso, pois em algum momento criamos um evento/encontro onde convidamos os moradores das cercanias, mas em outras ocasiões somos surpreendidas pelo interesse dos mesmos em frequentá-la, por meio de uma conversa, uma troca de informação.

No Centro, também elaboramos propostas que são realizadas em outros lugares da cidade e cercanias, como a distribuição de impressos múltiplos: Panfletos, Camisetas, Botons e Adesivos, além da ação *Propagandeando Poesia* - realizada com uma bicicleta sonora guiada por um morador da cidade, que a utiliza habitualmente para veicular propagandas comerciais, anúncios, reclames, entre outras, pelas ruas do município.

Os trabalhos são oriundos de procedimentos poéticos que estamos desenvolvendo desde 2012. No período que antecede esta pesquisa, realizamos uma série de ações que intitulamos *Paisagem Líquida* (2012-2015) projeto experimental que utiliza a cidade de Pedro Osório como campo para a produção poética atentando à sua condição de região atravessada pelo rio Piratini, que em algumas épocas enche e a inunda. Evidenciamos laços com a arte contextual, ou seja, é um trabalho processual que se realiza em contexto real - no espaço urbano e em situações existentes.

Paul Ardenne, no livro *Un arte contextual*, aponta a primeira qualidade de uma arte “contextual”: Sua relação direta e sem intermediários com a realidade, deste modo, os projetos de arte contextual possuem uma lógica de implicação que vê a obra de arte diretamente conectada a um sujeito que pertence a uma história imediata. O artista neste sentido se converte em produtor de acontecimentos, lógica que o difere dos artistas chamados realistas que buscam no mundo que os circunda temas para a criação plástica e o destino continua sendo pictórico (ARDENNE, 2002).

Ou seja, o desenvolvimento de minha produção parte da relação que eu estabeleço - junto a Anieli - com a cidade, o rio, as pessoas, e as memórias. Nosso intuito é inserir a produção em seu corpo social, embora muitos trabalhos realizados em locais específicos tenham sido apresentados em galerias. Tanto atuamos no espaço urbano, como em espaços expositivos, o que nos interessa é ativar o rio como algo que transborda história e marcas sensíveis.

Após a experiência em ocupar as ruínas causadas pelas cheias do rio e amplos espaços vazios da cidade, estávamos em busca de um local que possibilitasse a formação de uma relação prolongada com as pessoas, uma habitação com aspecto de casa, palpável e seguro. Encontramos, na Rua das Flores (Figura 1), uma pequena casa, antigo açougue desabitado, pois localiza-se em uma região que é invadida pelas águas quando chove. A morada chamou nossa atenção pela presença de duas portas de entrada sendo a casa muito pequena - compacta, de imediato pensamos: Uma porta para cada uma de nós! (Figura 2).



Figura 1. Placa da Rua das Flores. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 2. Nauita Meireles e Anieli Martins. Centro Compacto de Devaneio. Localizado na Rua das Flores, 27 em Pedro Osório-RS. Processo de Pintura da casa. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 3. Nauita Meireles e Anieli Martins. Centro Compacto de Devaneio. Rua das Flores, 27, Pedro Osório-RS. Processo de Pintura. Fonte: Arquivo da autora.

O lugar estava vazio, exceto pela presença de um antigo balcão de madeira. Conseguimos um acordo com o proprietário e utilizamos o prédio por mais ou menos um ano sem nenhum custo financeiro. Era uma pequena casa, com pisos hidráulicos que foram surgindo com a limpeza, grandes janelas com vista para o pátio que, de tão extenso e alagado, parecia um rio. Limpamos, pintamos e vivenciamos aquele lugar de *outra maneira*. Habitar aquele lugar possibilitou conhecer melhor a rua e os nossos vizinhos. Pintamos a casa de azul e, no dia seguinte, o vizinho ao lado pintou a sua da mesma cor (Figura 3). Fizemos amizade com aquelas pessoas.

Depois da desapropriação do espaço, lembramo-nos da pequena casa que fora da minha bisavó Ana Faustina e que há muito tempo encontrava-se fechada, assim como o açougue. A casinha localiza-se na Rua das Flores, nº 63, em frente à casa de minha avó materna Vanda Maria. Como ainda buscávamos um espaço concreto para a realização do projeto, decidimos nos apropriar do lugar.

A casa da avó como espaço alternativo na arte contemporânea

A casa da avó possui quatro dependências; é uma pequena residência localizada na Rua das Flores, nº 63 - uma das ruas mais antigas da cidade; muito estreita, por isso de mão única. É uma morada de aproximadamente meio século, pouco conservada. Apresenta muitos sinais do tempo. Depois da morte da avó, a casa foi fragmentada e distribuída aos meus tios que realizaram algumas mudanças estruturais com objetivo de ampliar o lugar, resultando em significativa interferência na fachada.

A casa possui um extenso pátio nos fundos, lugar de encontro dos primos na infância. As brincadeiras inventadas, o barulho do trem, esse era nosso lugar predileto. Hoje, entrando na casa e abrindo a portezinha para o pátio, muitas lembranças assomam. O pátio da avó ainda preserva as árvores frutíferas e a mais amada árvore *Manacá-de-jardim* ou *Manacá-de-cheiro*, que vim a descobrir que se chamava assim há pouco tempo, pois sempre a conheci como *arvorezinha da avó*, carinhosamente nomeada pelos familiares. Tenho muitas mudas em minha casa assim como meus tios e primos. A casa ainda possui um jardimzinho frontal e lateral.

Essa pequena casa abriga muitas memórias e histórias que são contadas principalmente por minha mãe, que possui um carinho especial por esse lugar. Era seu refúgio na infância. Quando criança, residia na cidade vizinha - Pelotas. Nas férias de verão, vinha para Pedro Osório de trem e ficava hospedada nessa casa. São muitas lembranças que frequentam esse espaço, os objetos... A penteadeira de madeira que foi utilizada na ação *O Quarto: Paisagem Líquida* (Figura 4), uma pintura do pátio da avó Faustina produzida por minha mãe no ano de 1988 que representa a avó na porta de casa, o poço, os cinamomos e as laranjeiras que ainda hoje resistem.



Figura 4. Nauíta Meireles e Anieli Martins. Centro Compacto de Devaneio. Pedro Osório/RS. Rua das Flores, 63. Processo de limpeza. Fonte: Arquivo da autora

Bachelard, no livro *A Poética do Espaço*, ao se referir à evocação das lembranças da casa, adiciona o valor de sonho: “Nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas”. (BACHELARD, 1888, p. 26). E segue: “a casa abriga o devaneio, a casa permite sonhar em paz (...). Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade.” (BACHELARD, 1888, p. 26).

Segundo o filósofo, a casa não se vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, mas também pelos sonhos que guardam tesouros que nos transportam à infância. “É graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhe seus valores de imagem.” (BACHELARD, 1998, p. 25):

Se não tivesse existido um centro compacto de devaneios de repouso na casa natal, as circunstâncias tão diferentes que envolvem a vida verdadeira teriam confundido as lembranças. Afora umas poucas medalhas com a efígie dos nossos ancestrais, nossa lembrança de criança contém apenas moedas sem valor. É no plano do devaneio, e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. (BACHELARD, 1998, p. 35).

Para Bachelard, não podemos reviver as durações abolidas, só podemos pensá-las na linha de um tempo abstrato e sem espessura. E continua: “É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas.” (BACHELARD, 1998, p. 29).

O reencontro com a morada da avó Faustina e a leitura do livro *A Poética do Espaço*, de Bachelard, nos fizeram elaborar

sobre a ideia da casa como Centro Compacto de Devaneio. Lugar de guarida das memórias da infância, e potente para invenção de novas memórias coletivas e pessoais. O espaço ficou por muito tempo desabitado, acabou servindo de lugar de guarda de objetos da família. Encontramos vestígios de armários, camas e pequenos objetos. Alguns achados foram mantidos, como um sofá rosa dos anos 60. Ao abrir a porta e as janelas, permitindo a circulação do ar e das pessoas, a casa ganha vida e se atualiza. Novas gerações agora vão frequentá-la, assim como vizinhos e amigos.

Michel Serres, no texto *Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma*, discorre sobre o livro *O Tempo passa*, da escritora inglesa Virginia Woolf, publicado originalmente como segundo capítulo do livro *O Farol*. No livro, a casa de praia dos *Ramsay* foi abandonada, deixada sozinha. De maneira poética, Woolf nos revela detalhes da degradação do espaço quando ninguém está ali para ver: “todos esses livros precisavam ser estendidos na grama, sob o sol; havia o gesso caído no vestíbulo; a calha em cima da janela do escritório tinha entupido deixando a água entrar; o tapete estava arruinado.” (WOOLF, 2013, p. 37). Serres, ao discutir a obra, utiliza o conceito de *nequentropia*¹:

Quando ninguém está mais ali presente, cozinhando, jogando cartas, passeando no jardim, pintando, entre a árvore e a sebe, o conjunto formado à janela, tal como em Rafael, pela mãe e o filho... reina a degradação, à qual, muito idosa, fraquejando das velhas pernas, a Sra. McNab, a criada, pano de prato na mão, se opõe muito precariamente, uma vez que ela própria a sofre, num corpo alquebrado, as costas doendo, uma fala confusa. A degradação, a desordem, o desabamento: a entropia. (SERRES, 2013, p. 70).

[1] Entropia negativa, como ficará claro ao longo do texto. O Aurélio e o Houaiss não registram a palavra. O Aulete sim: “Num sistema, a função representativa do grau de ordem e de previsibilidade”. É também utilizada a forma “negentropia”. (SERRES, 2013, p. 94).

Apesar do abandono, de tempos em tempos, a Sra. McNab e a Sra. Bast, antigas criadas, detinham a decomposição com baldes e vassouras:

ao som do chiar das dobradiças e do ranger dos parafusos, do estalar e do espocar do madeirame inchado pela umidade, parecia estar se dando algum nascimento laborioso e renitente enquanto as mulheres, abaixando-se, levantando-se, resmungando, cantando, batiam portas e estalavam panos, ora no andar de cima ora nos porões. (WOOLF, 2013, p. 47).

Serres afirma que a percepção pode ir contra a entropia das coisas: “Como se opor a entropia? Como ir contra a degradação e até mesmo contra a morte? (...) A percepção corta a grama e pega os ratos” (SERRES, 2013, p. 82):

Engano-me, exagero? Não: a percepção (...) propicia ordem na desordem. Ela vai contra a entropia do mundo; melhor ainda, ela o aperfeiçoa. Ver o mundo nos torna encantados, mas nossas visões também o tornam encantado. Se nossas percepções realmente percebessem, nós faríamos com que o mundo se tornasse encantado. (SERRES, 2013, p. 83-84).

O tempo também passa na casinha nº 63 da Rua das Flores. Com baldes, vassouras e apoio indispensável da família, buscamos nos opor à degradação, à desordem e ao desabamento da casa. Pedro Osório é uma cidade com um histórico de enchentes, e a Rua das Flores, por sua localização, é uma das primeiras zonas a sofrer com as cheias do rio Piratini. Os pátios viram pequenos cursos d’água; nessas situações, os moradores ficam em estado de alerta acompanhando e “*cuidando das águas*”.

Seus objetos vão sendo encaixotados e alocados nas estantes mais altas de suas casas e/ou deslocados para pontos mais seguros da cidade em casas de amigos e familiares. É todo um

imaginário que se forma em torno do rio Piratini e das mudanças que provoca na vida das pessoas quando transborda de seu leito. Expressões como: “*Esse tomou água de enchente!*”, quando referido a algum antigo morador que acaba sempre voltando a essa pequena cidade em algum momento da vida.

Sua localização é um dos fatores do pouco interesse em habitá-la. As chuvas mais intensas fazem os pátios transbordarem, mas apesar do risco de inundação, os moradores antigos da Rua das Flores ainda resistem, em estado de alerta, acompanhando o movimento das águas. É muito comum que em dias de chuvas abundantes a população se dirija até o *camping* municipal para acompanhar o movimento do rio.

É em estado de alerta que abrimos a casa! Com essa ação, pretendemos um contato direto com os habitantes da rua e cercanias, transformando os cafés e almoços em dispositivos para compartilhar memórias sobre a rua, a cidade, o rio e seus habitantes.



Figura 5. Símbolo do Centro Compacto de Devaneio que foi utilizado em camisetas, adesivos e botons. Fonte: Arquivo da autora.

A cidade reinventada - Centro Compacto de Devaneio

A casa da avó como CENTRO COMPACTO DE DEVANEIO – laboratório poético e observatório da cidade e de seu rio (Figura 5). A instauração deste lugar levanta questões relativas à cidade de Pedro Osório e suas especificidades no que tange sua geografia e sua condição de região atravessada pelo rio Piratini, que seguidamente transborda seus limites, tomando as ruas e as construções.

As ações que lá ocorrem como: almoços e cafés, possuem a característica de resgatar o diálogo com os habitantes e a história da cidade principalmente no que diz respeito às enchentes municipais, pois muitos documentos como livros, jornais e álbuns de fotografias foram levados com o transbordamento do rio. Muito do que conhecemos sobre os anos de 1959, 1983 e 1992, período das grandes cheias do rio Piratini, é através do diálogo com moradores mais antigos.

Todo um imaginário vem à tona quando pensamos no rio Piratini. As fotografias foram levadas com a correnteza, os objetos, as pessoas e as casas à deriva. Minha mãe sempre conta a história de um colchão que foi deixado por ela e meu pai na frente de nossa casa na tentativa de salvá-lo da água que tomava conta da cidade em 1992. Assim como o colchão, vários objetos foram deixados pelo caminho na ânsia em abandonar a casa.

O que permanece, são as histórias dos habitantes. Lembrança + Invenção. O que resistiu, como objetos, documentos e construções, apresentam a marca das águas. Segundo Frei Cândido Maria: “As águas retiram-se deixando as casas assinadas com faixas pretas.” (MARIA, 1960, p. 38).

Encontramos na biblioteca pública municipal alguns documentos sobre a história da cidade, como livros, fotografias e jornais.

Manoel Luiz Magalhães morador de Pedro Osório na época da enchente de 1992 publicou um livro intitulado *Guerra Silenciosa*, sobre a enchente do mesmo ano. No livro-diário o autor apresenta imagens vivenciadas por ele durante a cheia do rio. Magalhães finaliza o primeiro capítulo com uma lembrança:

A última lembrança do domingo de páscoa, de brilhante sol, foi a visão da Av. Alberto Pasqualini toda “embandeirada” (varais de roupas e tecidos da loja do Sr. Lauri Motta, improvisados entre as árvores). Inesquecível cenário que ficará gravado na memória de todos aqueles que viveram a enchente de 1992. (MAGALHÃES, 1992, p. 54).

Sobre a enchente de 1992, também existe um documentário² produzido pela RBS TV e transmitido na época. Esse documento fílmico apresenta imagens da cidade submersa, construções em ruínas, estabelecimentos comerciais no centro com as mercadorias expostas ao sol e entrevistas com alguns habitantes.

Em outro livro, publicado em 1960, *Rebelião das águas em Pedro Osório (Ex – Olimpo e Cerrito)*, de Frei Cândido Maria, o leitor é conduzido ao ano de 1959 a partir de narrativas de moradores e imagens do fotógrafo Ramão Barros, que ilustram a reportagem da primeira grande cheia do rio Piratini, cujo nível subiu 28 metros em poucas horas. Quarta-feira, 15 de Abril de 1959:

A rua fronteira à Santa Casa converteu-se em verdadeiro curso d'água... Nem sequer os barcos conseguiam vencer a caudalosa corrente... Dois tripulantes de uma canoa só conseguiram salvar-se passando oito horas agarrados a um frágil cinamomo... Na rua do Sr. Leontes Freitas, mais dois dedos de altura que as águas subissem, e sua residência seria invadida também... Várias casas, no Cerrito, foram presas pelas águas... A avalanche da massa líquida estendia-se numa largura de 4.300 metros. Eram duas vilas quase totalmente submersas. (MARIA, 1960, p. 26).

[2] Documentário disponível no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=mrceWdnuPGY> >

Sobre a enchente de 1983, encontramos fotografias que foram compartilhadas por moradores em redes sociais e o livro *Pedro Osório, Sim Senhor!*, publicado em 1990 por Pedro Caldas, que dedica um capítulo às enchentes municipais. Segundo o autor:

Noite de 15 de Fevereiro de 1983, terça-feira de carnaval. A população se diverte em vários locais. Chove já a alguns dias, com pouca estiagem. Os foliões que passam de um lado a outro do rio, observam ao cruzarem a ponte que as águas estão agitadas e sobem a cada hora (...). Naquela noite o dilúvio veio mais uma vez (...) jogou a baixo a ponte ferroviária, umas 300 residências foram atingidas, cerca de 15 demolidas e outras 50 danificadas parcialmente. (...) Algumas casas conservam ainda, assinaladas em destaque sobre uma nova pintura, a marca até onde as águas subiram (...) e são mostradas com certo fascínio, com orgulho: "Olha só! Dois metros e vinte centímetros". (CALDAS, Pedro, 1990, p. 114 -116).

Pedro Osório registra, em sua história, três grandes enchentes que alteraram o modo de vida dos moradores, e fez com que as casas margeadas pelo rio fossem parcialmente desabitadas, fazendo a cidade se expandir para longe da massa líquida. Apesar de registrar três grandes cheias, todo ano, principalmente no inverno, época de maior intensidade de chuva, o grande volume de água avança sobre o *camping* municipal, arrastando os brinquedos de madeira da pracinha e deixando as estruturas das churrasqueiras, bar e banheiros parcialmente submersos. Nos últimos anos, a situação tem se mantido estável, embora algumas localidades ainda sofram com o alagamento.



[3] <https://www.facebook.com/Centro-Compacto-de-Devaneio-861577417220849/>

Figura 6. Enchente em Pedro Osório e Cerrito.
Fonte: Nilvia Porto Feijo. < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1519298674813908&set=pcb.1519300234813752&type=3&theater> >

Com o Centro Compacto de Devaneio, propomos a criação de um dispositivo para dar a ver de *uma outra maneira* a cidade, a Rua das Flores e o rio Piratini. Detalhes e ações ínfimas, como um almoço coletivo, pequenos diálogos gravados e exibidos em outros contextos. Elaboramos mecanismos de compartilhamento e circulação de imagens encontradas em um antigo livro na biblioteca pública, como os *Panfletos: Rebelião das águas* - impressos que circulam imagens da cidade alagada e uma página no Facebook³, onde compartilhamos registros das ações. São pequenos desvios no cotidiano que partilham *um outro* modo de interagir com o rio, as ruas e a cidade. As fotografias dos objetos e pessoas que fazem parte do Centro Compacto

de Devaneio passaram a ser expostas em outros contextos, um modo de dar a ver a casa e as ações que lá ocorrem.

Esse outro modo de fazer e viver o ordinário me fez reler o livro *Un Arte Contextual*, do crítico e teórico de arte Paul Ardenne. O autor aborda no capítulo *Igual e de outra maneira* a relação das práticas artísticas contemporâneas e a ação direta que produzem na sociedade através da concepção de micropolítica dos projetos:

Para el artista contextual modificar la vida social, contribuir a su mejora, desenmascarar convenciones, aspectos no vistos o inhibidos, es como hablar igual (como todo ciudadano al que concierne la vida pública un medio democrático) y de otra manera (utilizando medios de orden artístico capaces de suscitar una atención más aguda, más singular que la que permite el lenguaje social). (ARDENNE, 2006, p. 26).

Optamos por “outra maneira” de mobilizar os aspectos poéticos da cidade. Priorizamos por vivenciá-la e acioná-la em seus dispositivos. É possível inventar novos modos de se relacionar com o entorno citadino? De que forma essas novas relações são possíveis? Que táticas são necessárias para esse novo olhar e ação sobre a cidade, levando em conta a própria experiência com o espaço realizada através de deslocamentos, mas também o encontro com documentação histórica, geográfica e política que apresentam novos olhares para o mesmo espaço?

Nas conversas, os moradores são convidados a contar sobre os locais que circulam na cidade, histórias pessoais com o entorno. Alguns vizinhos já haviam anteriormente participado como colaboradores do projeto *Paisagem Líquida*, de modo que também foram questionados sobre a experiência de vivenciar aquele trabalho. Nossa produção, relaciona-se

diretamente com a vida e a relação particular que mantemos com certos lugares - buscamos revelar e dar a ver esses pequenos detalhes cotidianos.

PANFLETOS: Rebelião das águas

O Centro Compacto de Devaneio passou a ser o local de encontro e observatório de Pedro Osório. Na biblioteca pública municipal, tivemos acesso ao livro *Rebelião das águas*, de D. Frei Cândido Maria, escrito em 1960, sobre a primeira cheia registrada no município, em 1959. A biblioteca, na época, possuía apenas um exemplar para consulta local, e o bibliotecário emprestou-nos o volume para fazermos uma fotocópia.

As páginas contemplam relatos de moradores além de imagens do fotógrafo Ramão Barros. As fotografias em preto e branco nos revelam as duas pontes devastadas, casas com a marca da água na fachada - sinais que permanecem ainda hoje em algumas construções - casas em ruínas e à deriva no imenso rio que transformou a pequena cidade.

Esse foi o primeiro contato que tivemos com imagens daquele período; todo conhecimento que possuíamos acerca daquela história nos fora apreendido a partir de relatos de familiares e amigos. Pensamos num modo de circulação daquelas imagens que estavam úmidas e empoeiradas na estante da biblioteca e a ideia de um múltiplo como o *Panfleto: Rebelião das águas* veio à tona.

Nesse veículo de circulação, apresentamos uma imagem em preto e branco com a legenda e o número da página retiradas do livro *Rebelião das águas*, além do carimbo com o símbolo do Centro Compacto de Devaneio e o endereço eletrônico⁴. Impressos em papel comum, e em uma tiragem ilimitada, os *Panfletos* foram distribuídos de mão em mão durante uma caminhada pela cidade

[4] <https://www.facebook.com/Centro-Compacto-de-Devaneio-861577417220849/?fref=ts>

de Pedro Osório, além de serem distribuídos a pessoas próximas para que realizassem a ação em outros lugares.

Em 2017, quando a imagem foi divulgada na rede social Facebook, um amigo, que na época concluía sua pesquisa de mestrado em memória social e patrimônio cultural que versava sobre aspectos históricos e sociais do rio Piratini, demonstrou interesse em descobrir a localização das pessoas retratadas na imagem. Como essa fotografia estava no livro *Rebelião das águas*, tive acesso à legenda que a acompanhava: “A cheia do rio Piratini contemplada da frente da farmácia do Sr. João A. Dias”. Essa curiosidade mobilizou certo número de moradores a pesquisar sobre a farmácia do Sr. João A. Dias e sua localização.

Com o *Panfleto* em mãos, saí à procura desse lugar. Descobrimos que a vista que a imagem apresenta encontra-se na cidade vizinha – Cerrito. A farmácia que permanece com o símbolo em alto relevo na fachada, localiza-se em um ponto alto da cidade, proporcionando uma visão singular das cidades de Cerrito e Pedro Osório.

O panfleto como meio popular de comunicação é utilizado por anunciantes de lojas, vendedores ambulantes e políticos em campanha eleitoral. Mas esse impresso popular também é frequentemente utilizado por artistas que pretendem um contato mais direto com as pessoas, pois é tradicionalmente entregue de mão em mão, ação que supõe um diálogo entre quem entrega e quem recebe o impresso.

O grupo de artistas Dadaístas utilizou esse meio popular de comunicação nas suas ações na cidade de Paris como meio de converter e revelar os veículos banais como possíveis veículos da arte. O grupo, na época, propunha a fazer arte com o cotidiano como maneira de aproximação da arte com a vida:

A exploração e a percepção acústica, visual e tátil dos espaços urbanos em processo de transformação não eram consideradas por si próprias como fatos artísticos. (...) A cidade dadaísta é uma cidade da banalidade que havia abandonado todas as utopias hipertecnológicas do futurismo. A presença frequente e as visitas aos lugares banais representam para os dadaístas um modo concreto de alcançar a dessacralização total da arte, com o fim de chegar a uma união da arte com a vida, do sublime com o cotidiano. (CARERI, 2002, p. 72-73).

No dia 14 de abril de 1921, o grupo realizou a primeira de uma série de ações no espaço urbano. Operação estética consciente dotada de muitos comunicados de imprensa, proclamações, panfletos e documentação fotográfica (CARERI, 2002). A primeira visita/excursão acontece na Paris não turística, em um jardimzinho da Igreja de Saint-Julien-le-Pauvre. Segundo Careri (2002), é a primeira operação simbólica que atribuiu um valor estético a um espaço em vez de um objeto.

No Brasil, o artista Paulo Bruscky utilizou diversos meios populares e de ampla circulação para a produção e distribuição de seu trabalho, sendo o pioneiro da arte postal no país. Na década de 70, Paulo Bruscky e Daniel Santiago lançam a *arte classificada* por meio de anúncios pagos na imprensa:

A página impressa de um jornal convencional alinhava várias proposições muito caras aos artistas naquele momento como por exemplo (encontrar outros espaços de exposição para troca de informações artísticas além de galerias e museus, ir ao encontro do público muito mais amplo e diversificado, finalmente, eliminar qualquer possibilidade de fazer obra-objeto-mercadoria. (FREIRE, 2006, p. 46).

Segundo Cristina Freire, tratava-se, no limite, de fazer poesia marginal e vê-la circular em circuitos alternativos, estratégia orientada para criar ruídos nos mecanismos de controle de informação.

Ainda, segundo Zózimo (2011, p. 38), através do anúncio *Composição Aurorial*, a dupla Bruscky e Santiago buscava patrocinadores para realizar o seguinte projeto: “expor uma aurora tropical artificial colorida provocada pela excitação dos átomos dos componentes atmosféricos a 100 km de altitude”

(...) a potência poética dos anúncios que operam seguindo essa lógica pode estar, muito mais, na imprecisão do pensamento que imagina a ação proposta por Bruscky e Santiago do que no próprio conteúdo anunciado. Assim, o jornal impresso se porta como meio expansivo de inserções ruidosas, muitas vezes invisíveis. (...) No caso de Bruscky e Santiago, a transgressão de certos sistemas de informação e de redes comunicacionais, exemplificada pela arte postal ou pelos anúncios em jornais, pode representar a ampliação do lugar social da arte. (ZÓZIMO, 2011, p. 38).

Artistas atuais, como os que integram o coletivo Poro, de Belo Horizonte, formado por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!, similarmente utilizam meios de comunicação populares em sua produção. A dupla atua desde 2002 com intervenções urbanas e ações efêmeras buscando apontar sutilezas e trazer à tona aspectos da cidade não percebidos pela aceleração da vida cotidiana.

Utilizam constantemente em suas ações: cartazes, postais, panfletos, adesivos, faixas de sinalização que são distribuídos pela cidade e disponibilizados no site⁵ da dupla para serem impressos e empregados por outras pessoas em outras cidades/situações. Em um dos projetos realizados pelo Poro, intitulado Propaganda

política dá lucro!!! (2002-2010), vários santinhos impressos em tipografia foram distribuídos em locais públicos e afixados em bares, padarias e orelhões por várias cidades e pessoas.

Um projeto de arte contemporânea, no contexto de uma cidade do interior, onde grande parte da população, incluindo os estudantes, possui pouco ou nenhum acesso à arte, apresenta certa relevância e é um dos fatores que nos fazem produzir em Pedro Osório-RS. O CENTRO COMPACTO DE DEVANEIO nos permitiu redescobrir nossa cidade natal, atentando à sua condição de região atravessada pelo rio Piratini que seguidamente transborda seus limites.

REFERÊNCIAS

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual**: creación artística em medio urbano, em situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac, 2006. (espaçamento entre a vírgula e o ano)

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Leya, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENTO, Genes Leão. **Raízes de nossa história**. Pedro Osório: Ed. do autor, 2005.

BRANDÃO, Ludmila. Deslocamentos contemporâneos: Notas sobre memória e arte. In: **Ciência e Cultura**, vol.64 no.1 São Paulo Jan. 2012. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/20.pdf> . Acesso em: 11/04/2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

[5] <http://poro.redezero.org/ver/cartazes/>

CARDOSO, Sérgio. **O olhar do viajante** (do etnólogo). In: Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMPBELL Brígida; Terça-Nada!, Marcelo. **Intervalo, respiro, pequenos deslocamentos** - Ações poéticas do Poro. São Paulo: Radical Livros, 2011.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis produções, 2015.

COSTA, Luiz Cláudio (org.). **Dispositivos de registros na arte contemporânea**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORTAZÁR, Julio. **Histórias de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

FREIRE, Cristina. **Paulo Bruscky: Arte, arquivo e utopia**. São Paulo: Cia Ed. de Pernambuco, 2006.

_____. **Poéticas do processo: Arte conceitual no museu**. MAC/USP. São Paulo: Iluminuras, 1989

KESTER, Grant H. Colaboração, arte e subculturas. In: **CadernoVB02_p.10-35_Pdf** Disponível em: < http://communitybasedpractices.pbworks.com/f/Kester-collaboration_art_and_subcultures.pdf > Acesso em: 08/04/2020.

MARIA, Frei Cândido. **Rebelião das águas em Pedro Osório** (Ex-Olimpo e Cerrito). Porto Alegre: Editora Tipografia Champagnat, 1960.

MORRIS, Catherine. **Food: an exhibition by White Columns**. New York. White Columns. 2000.

MAGALHÃES, Manoel Luiz. **Guerra silenciosa**. Pedro Osório: Ed. do autor, 1992.

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: Coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados**. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2012.

ROCHA, Michel Zózimo. **Estratégias expansivas**. Publicações de artistas e seus espaços moventes. Porto Alegre: M.Z. Rocha, 2011.

REGALDO, Fernanda; ANDRÉS, Roberto. **Guia morador Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora piseagrama, 2013.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. in Porto Arte, Porto Alegre, v.7. n.13. p.81-95, nov.1996.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. In: **Arte & ensaios**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - EBA . Rio de Janeiro: UFRJ, ano XVII, número 19, 2009. Disponível em: http://www.eba.ufrj.br/ppgav/doku.php?id=revista:arte_e_ensaios

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.22, número 44, 2002.

SANTOS, Maria Ivone. Diante da perda do arquivo: reinvenções e narrativas da memória. In: **Revista Crítica Cultural**, UNISUL. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/140 Acesso em: 08/04/2020.

_____. A cidade, o arroio, o lago e alguns apagamentos: A observação como processo artístico e espaço crítico. In: **Revista AusArt 2**. Disponível em: < <https://ojs.ehu.eus/index.php/ausart/article/view/12053> > Acesso em: 08/04/2020.

WOOLF, Virginia. Tomaz Tadeu (org.) **O tempo passa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Sítios

Lotes Vagos. <http://lotevago.blogspot.com.br/>. Acesso em: 03/02/2017.

Poro. <http://poro.redezero.org/>. Acesso em: 03/02/2017.

Raquel Stolf. <http://www.raquelstolf.com/>. Acesso em: 10/03/2017.

http://muvi.advant.com.br/artistas/r/raquel_stolf/grilo.htm. Acesso em 30/04/2018.